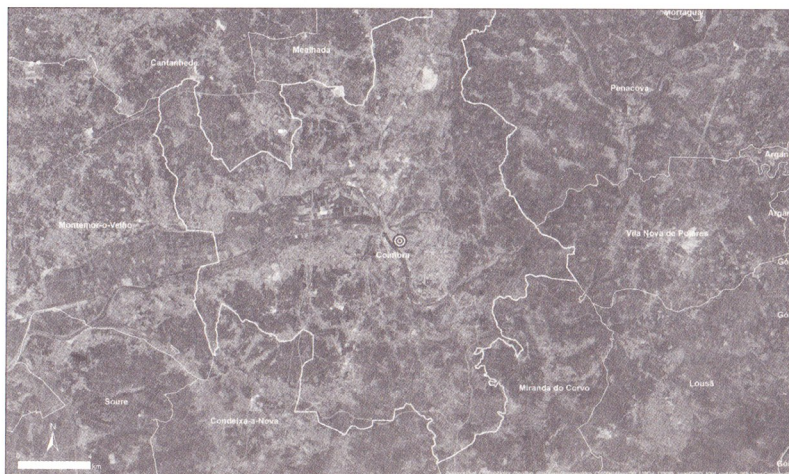
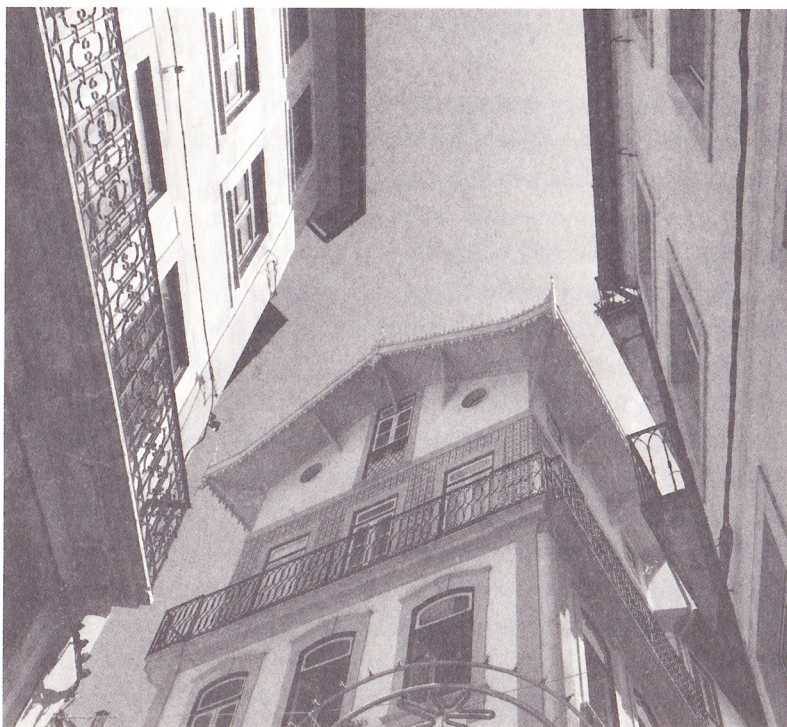




AS CIDADES QUE SE VEEM

José Reis | Economista

Professor Catedrático da Universidade de Coimbra

É frequente eu passar férias em Coimbra. São férias de duração variável – podem não ser mais do que 45 minutos, é frequente serem duas horas, porventura noturnas, e às vezes chega a ser uma tarde que se prolonga pela noite. Também há as de 15 minutos. São, em geral, férias muito intensas, das que deixam logo a vontade de regressar. Faço o que se faz em qualquer grande cidade – arribo ao centro, escolho um sítio de encher o olho e retemperar a memória, sento-me num lugar que em encanto e me ofereça o que está lá e o que vai passando. Faço, pois, o que faz qualquer urbano que preza a vida urbana. Vivo e torno-me parte do lugar. Desejo lá viver e penso em tudo o que não quero perder.

Geralmente começo no Quebra Costas, esteja ou não a decorrer o mais bonito festival de jazz do país. E disperso-me por aquela proximidade cheia de coisas, incluindo o teatro e as artes. Não é preciso enumerá-las pois a gente que sabe conhece cada ponto. É provável que a seguir vá à rive gauche, que há tanta coisa lá! Se me apetecer relembrar a periferia vou à Quinta das Lágrimas, haja ou não Festival da Artes. Como acontece noutros grandes lugares do mundo a que já fui, é provável que regresse a um dos seus pontos mais fortes e vá uma vez mais à biblioteca joanina. Há, contudo, uma data em que não posso deixar de passar férias em Coimbra: é quando me abrem as portas para eu ver uma acrópole da outra acrópole. Do grande plano de Santa Clara para o grande plano do paço das escolas, ou vice-versa. É durante a Bienal de Arte Contemporânea. Há cidades intensas. Vive-se lá. Roland Barthes distinguiu entre visitar e habitar. E elogiou o habitar. Eu habito em numerosas cidades. Só depois as visito. A primeira que habito é Coimbra.